

Brincar III: a criança e sua poética

Cipriano Carlos Luckesi¹

As crianças brincam desde sempre e, por isso, criam e se auto-criam. Já no útero materno iniciam a fazer seus movimentos, procurando aqueles que lhes dêem mais conforto. Após o nascimento, todos os seus gestos expressam seu caminho para a vida.

É o que Jean Piaget denomina de jogos de exercícios, devido a criança, desde o seu nascimento, servir-se de seus mais variados movimentos na constituição de si mesmo, frente a si própria e frente ao mundo. Os movimentos vão se multiplicando aos milhares. No início parece ser tudo tão difícil e, aos poucos, na medida mesma em que eles vão sendo praticados repetidamente, ou não, as coordenações do corpo e da mente vão sendo organizadas. Não nascemos organizados, nos organizamos. Não nascemos constituídos, nos constituímos.

É o espaço potencial do subjetivo para o objetivo que vai sendo ultrapassado, através daquilo que Donald Winnicott denominou de fenômeno transicional. É a transição que vai sendo efetuada pelas múltiplas experiências *poéticas* de cada criança, através de suas múltiplas catarzes (criação do novo, através da ação nos seus mais variados sentidos, que vão desde o mais material ao mais sutil e espiritual).

Aos primeiros movimentos, que são manifestos através da mobilidade (movimento externo por oposição à motilidade que são os movimentos internos, celulares), seguem-se os movimentos da fantasia e da fantasia somada à construção, como ação que realiza.

Então a criança gosta das estórias, todas as estórias, as já estruturadas, que contamos e repetimos, como aquelas que são inventadas enquanto vão sendo contadas, quando nossa imaginação nos permite. As crianças ficam boquiabertas com as estórias. Nunca vi uma criança que não gostasse de estórias. Todas gostam e mantêm um desejo de ouvi-las e ouvi-las e ouvi-las, novamente e novamente e novamente... São incansáveis na escuta das estórias.

Elas criam e recriam o mundo a partir da fantasia. As crianças compreendem e re-compreendem o mundo a partir delas. São muitos os entendimentos que nascem das estórias, além de abrir as portas para as possibilidades de fazer a mesma coisa: dar-se ao direito de criar o mundo a partir de sua fantasia. Então, criam suas próprias estórias, assim como criam o mundo segundo essas mesmas ou outras estórias. Vivem *o* e *no* mundo, assim criado.

A esse período, Jean Piaget deu o nome de pré-operatório, sem com isso desejar dizer que aí as crianças não operam com nada. Elas operam com tudo, pois que tudo se organiza conforme

¹ Este texto foi publicado originalmente em www.faced.ufba.br / RAD Disciplinas / Gepel – Educação e Ludicidade.

sua imaginação. Pedacos de pau transformam-se em carros, ônibus, cercas, casas, aviões, armas e tudo o mais que se quiser. Não há limite para as possibilidades da fantasia e do “fazer de conta”.

Essa é a *poiética* predominante entre os dois e os cinco, seis, sete anos de idade. De criação em criação, o mundo interno se organiza e se personaliza, assim como vai se estabelecendo a ponte para o mundo exterior; vai se transitando do princípio do prazer para o princípio da realidade, como diria Sigmund Freud, sem se engessar o prazer na realidade (o que os adultos bem que gostariam, “para que as crianças não dessem problemas”). Devagarinho e com as dificuldades próprias e naturais, vai se processando um movimento onde o total prazer vai adquirindo os contornos da realidade. E, então, prazer e realidade forma um todo. Ao menos assim deveria ser, caso nós adultos não impuséssemos o olhar de que a vida, para ser vivida, necessita de passar pelos desprazeres. “Tudo o que é fácil não vale a pena”, dizemos.

De um modo sagrado e profundo, cada criança realiza seus gestos e suas brincadeiras como se a sobrevivência pessoal e do mundo dependessem deles. Não há divisão interna nesses gestos e atos; uma entrega total a cada um deles.

Em nossa família, temos um hábito de ter um Papai Noel nas Festas de Natal. Ano a ano, um dos tios se veste de Papai Noel e traz um saco às costas com os presentes daquele Natal. Meninos e meninas, agora já estão crescidos, com dez, onze, doze anos, todos querem o Papai Noel (os adultos também). E, então, encenamos o tio que some, vai se vestir e entra de alguma forma esquiva para dentro do espaço onde nos reunimos. Eles e elas, que estavam esperando, já sabem, há muito quem vai ser o Papai Noe (“É meu tio fulano”; “É claro que é”; “Veja o pescoço dele” --- a barba postiça não é suficiente para escondê-lo, mas ninguém pensa nisso; o que importa é o Papai Noel). Porém, juntos, vivenciam a experiência, de receber os presentes, rirem, partilharem as cenas. Ali estão todos juntos --- alegres, nada mais que isso -- -, como se o mundo fosse somente aquilo nesse momento e, de fato, o é. Estão plenos e realizados.

É tão pouco, parece, mas é assim que o “mundo” é feito, de coisas simples, corriqueiras até; é *poiético*. A simplicidade está na base, junto à fonte de nossa vida. As crianças por estarem próximas disso, vivem tudo inteiramente de forma alegre e grave, ao mesmo tempo; por isso, profundas e leves. Essa é a *poiética* da criança, o seu brincar, que pode e deve permanecer sempre como uma fonte para nós, que seguimos nossos caminhos pela adolescência e pela vida adulta.

Deixo você e a mim também com Fernando Pessoa, o que é bastante:

*O Menino Jesus adormece nos meus braços
E eu levo-o nos meus braços para casa.*

.....

*A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E outra a tudo o que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,
Saltando, cantando e rindo
E gozando nosso segredo comum
Que é o de saber por toda parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.*

.....

*Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa
Graves como convém a um deus e a um poeta,
E como se cada pedra
Fosse todo um universo
E fosse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.*

*Depois eu conto-lhe histórias das cousas só dos homens
E ele ri, porque tudo é incrível.
Ri dos reis e dos que não são reis,
E tem pena de ouvir falar das guerras,
E dos comércios e dos navios
Que ficam fumo no ar dos altos-mares.
Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade
Que uma flor tem ao florescer
E que anda com a luz do sol
A variar os montes e os vales
E a fazer doer os olhos os muros caiados.*

*Depois ele adormece e eu deito-o.
Levo-o ao colo para dentro de casa
E deito-o, despindo-o lentamente
E como seguindo um ritual muito limpo
E todo materno até ele estar nu.*

*Ele dorme dentro de minha alma
E às vezes acorda de noite
E brinca com os meus sonhos.*

*Vira uns de pernas para o ar,
Põe uns em cima dos outros
E bate as palmas sozinho
Sorrindo para o meu sonho.*

*Quanto eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno.
Pega-me tu ao colo
E leva-me para dentro de tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer
E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é.*